

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

“FEIRA POR EMPREGADOS E PARA EMPREGADOS” – A REVISTA LIGHT NA CONSTRUÇÃO DO TRABALHADOR NACIONAL (1928-1940)

Guilherme Fernandes Reis das Chagas

Mestre em História pela Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP

gui_chagas@hotmail.com

A passagem para a década de 1930 é caracterizada por uma mudança política e econômica estruturalmente significativa em relação às décadas republicanas anteriores. A elite republicana liberal não conseguiu transformar as questões sociais conflitivas em um avigoramento político, determinante para o progresso do país na lógica mundial, mantendo ou acentuando o afastamento entre o Estado, o empresariado e os trabalhadores. As críticas cada vez mais intensas dos intelectuais após a Primeira Guerra ao liberalismo republicano, considerado um modelo inadaptável à realidade nacional, mais a ineficácia das medidas do Estado na crise de 1929, contribuíram para o afastamento radical do sistema político e econômico vigente (GOMES, 2012, p. 73). Como mostra Délia Beatriz Espina, as medidas econômicas tomadas pelo governo brasileiro, como a interrupção entre 1929 e 1932 do pagamento dos serviços da dívida externa e a elevação das tarifas alfandegárias, agravaram e aprofundaram a crise, especialmente para as subsidiárias de empresas estrangeiras (ESPINA, 1996, p.342). O resultado foi a mudança do paradigma em torno do papel do Estado no contexto político e econômico.

Havia na década de 1930, como afirma Valéria Marques Lobo, um anseio pela implementação da indústria nacional e para isso era necessário criar um consenso corporativista aparente (LOBO, 2016, p. 539). Dois pontos foram fundamentais para a solidificação do projeto corporativo como prática política brasileira: a introdução de um modelo sindical administrado diretamente pelo Estado, iniciado pela criação da Lei de Sindicalização de 1931, pelo Decreto nº 19.770; e, principalmente, a construção de um discurso homogêneo e processual que aglutinasse especialmente os trabalhadores afastados do contexto sindical, organizado e mediado pelos interlocutores do Estado e do empresariado.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Era fundamental uma proposta persuasiva de adesão dos trabalhadores ao projeto corporativista; construir uma eloquência discursiva capaz de promover a conciliação das classes sociais. Nesse sentido, a Revista Light parece ter sido um dos primeiros periódicos de comunicação interna como método no esforço de construção da conciliação entre as classes sociais.

A Revista Light (1928-1940), analisada no presente trabalho, da empresa The Rio de Janeiro Tramway, Light and Power, foi um periódico mensal distribuído gratuitamente para os seus mais de dezoito mil empregados. Ela funcionou como um canal de comunicação interna, que além de informes, como a abertura de novos departamentos às atividades de lazer, também se preocupou com a construção relativa ao comportamento operário no cotidiano da empresa. Os editores e redatores da Revista, com suas escolhas de imagens, charges, autores, notícias e informes, tinham como um dos seus principais objetivos a construção de uma nova relação aparente entre chefes e trabalhadores, especialmente no esforço de convencimento de que os interesses diretivos da Light eram também os interesses de todos.

O periódico procurou abordar vários elementos do cotidiano de suas fábricas, oficinas e escritórios no Brasil: aniversários e aposentadorias dos funcionários; elogio aos operários que se destacavam pelo bom cumprimento do trabalho; eventos festivos e esportivos; crônicas e contos literários; orientações de comportamento dos pedestres por conta dos bondes e até mesmo artigos de intelectuais e figuras públicas que, além de frequentarem as páginas no periódico, também cotidianamente visitavam as oficinas e escritórios, principalmente políticos e técnicos do Ministério do Trabalho. Em todas essas abordagens temáticas, dois eixos aparecem com mais recorrência de forma direta ou indireta: a valorização do bom trabalhador e o enaltecimento da harmonia entre os operários – entre eles e com seus chefes - como elemento primordial para o desenvolvimento da empresa e do país.

O empresariado da Light incluía propositalmente o trabalhador como o sujeito determinante no encadeamento orgânico da estrutura corporativa, sendo não mais simples coadjuvante do corpo social, mas peça fundamental da produção do ideário desenvolvimentista. O trabalhador deixa de ser um mero produtor e passa ser o homem

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

indispensável para a constituição social saudável, o próprio núcleo que sustenta a ordem do organismo, contextualizado com o fortalecimento da nação; a ordem e progresso, tão alentados pelos discursos, são apenas exequíveis com o comprometimento do trabalhador, sua disciplina e dedicação, como aponta Charles Barton, presidente do complexo das oficinas Light do Rio de Janeiro, a Cidade Light:

Lançando a eficiência, os operários corresponderam ao que a Companhia faz por eles, pois, aqui a nossa maior preocupação é o homem.

Quer agora saber o segredo do nosso êxito? Está na disciplina e na Cooperação. A disciplina aqui é perfeita. Cada um sabe o que tem a fazer e como deve agir e ninguém infringe as regras estabelecidas e indispensáveis para a marcha normal do trabalho e vida agradável para todos. Por isso ha ordem e o trabalho anda.

A cooperação é também absoluta e todas as secções trabalham em harmonia, conjugando os seus esforços, para o melhor resultado do trabalho. Por isso, o trabalho é eficiente e realizamos na “Cidade-Light” uma obra util. (Revista Light, 09/1932, p.11)

A harmonia e a ordem, consequências da disciplina, permeiam as relações de trabalho, fortalecendo a dinâmica dos poderes atuantes que detém o domínio do discurso. A aproximação do discurso do chefe da Cidade Light com a do ministro Lindolfo Collor e do próprio Getúlio Vargas, aponta que o empresariado estava preocupado em manter-se na sua posição social de burguesia urbana e preservar seus interesses. Há uma convergência entre o discurso do empresariado e o discurso do Estado na defesa da questão social, como relembra Ângela Maria Carneiro de Araújo:

A burguesia urbana não ficou indiferente ao discurso e as propostas corporativistas. A literatura que trata do comportamento desta classe social na década de 30, mostra que no tocante à intervenção do Estado na questão social há uma mudança sensível na tônica do seu discurso que passa a admitir a necessidade da legislação social e paulatinamente a reconhecê-la como instrumento de promoções dos seus próprios interesses (ARAUJO, 1994, p. 117).

A Revista Light, em consonância com essas novas abordagens do Estado, também traz a questão social como um princípio a ser idealizado para seus trabalhadores. Segundo o Diretor Geral do Departamento Nacional do Trabalho, Custódio de Viveiros, que visita

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

as oficinas da Light no Rio de Janeiro em julho de 1934, a Light era um exemplo de organização na aplicação das leis trabalhistas mesmo com dezenas de milhares de trabalhadores, afinal a Light teria conseguido, segundo ele, transplantar para o operário a mesma consciência de seus deveres, como em um jogo de xadrez:

A unidade não se perde no aluvião de algarismos e nomes. No tabuleiro de xadrez.(...) Todos se movem de acordo com as normas estabelecidas; pião só pula uma casa, o bispo anda em diagonal; a torre na horizontal...Não há erro ou omissão porque os homem que assumiram a responsabilidade do trabalho tem consciência de seus deveres e convicção.

Vim da Light satisfeito, porque trouxe a convicção de que os 17.000 homens da sua empresa me darão sempre menos trabalho do que os 17 cidadãos que constituem uma fábrica de tamanco... (Revista Light, 07/1934, p.10).

A Revista Light abusava das representações imagéticas para cristalizar sua comunicação das relações de trabalho objetificadas. Na narrativa da Revista, era constante a preocupação com a saúde física trabalhador na empresa, principalmente na idealização da representação do corpo sadio e forte, inclusive do mais jovens. As imagens, como apontou Alcir Lenharo, na utilização da propaganda política tinha como objetivo espalhar uma carga afetiva e sensorial para atingir com mais facilidade o público. Nesse sentido, a alegoria do corpo - muito enraizada no imaginário cristão - e por isso, mais facilmente compreendida, é associada a “uma totalidade orgânica, à imagem de um corpo uno e indivisível e harmonioso” (LENHARO, 1986, p.16). Embora a alegoria do corpo não fosse uma novidade na década de 1930, pode ser compreendida como uma nova cultura corporal no Brasil, inclusive como política do Ministério da Educação e Saúde, especialmente na preocupação com a educação física associada ao esporte (PARADA, 2009, p.157). Segundo Lenharo, a representação do corpo orgânico era uma estratégia de reordenamento da sociedade corporativista, em curso em 1930:

O objetivo do projeto, portanto, visava neutralizar os focos de conflitos sociais, tornando as classes (órgãos) solidárias umas com as outras. Ao lado dessa referência, uma outra também ganha ressonância: toda uma pedagogia do corpo foi sendo detalhada, de modo a colonizá-lo para a produtividade do trabalho (LENHARO, 1986, p.18).

O corpo que unifica todas as partes na formação de um todo harmônico, em um organismo, também encontra no ideal da pátria uma representação simbólica discursiva

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

importante. Cada cidadão seria um elemento desse organismo chamado nação, que só poderia avançar numa pacificação ou destruição das células não harmônicas.

No contexto do trabalho industrial, a educação física e a instrumentalização do corpo, como chamou Lenharo, também eram bem centrais na construção do bom trabalhador, afastando-o da desordem e passivo em relação à exploração dos empresários. Afinal, moldado ao trabalho, militarizado, o cidadão-trabalhador estaria disposto a dar sua vida para o corpo maior se necessário: a pátria (LENHARO, 1986, p.18). Assim como nas vilas operárias, que o olhar vigilante e de controle da burguesia exercia sua prática de higienização moral e física, também através da educação física o trabalho na indústria poderia ser um ensaio para uma intensificação do controle do operário e do domínio sobre o seu tempo de produção (LENHARO, 1986, p.94).

A presença do exército, especialmente o Centro Militar de Educação Física, em palestras e no treinamento do Clube de Escotismo da Light, eram detalhados na Revista ao longo de suas edições. Em dezembro de 1935, o capitão Ignácio de Freitas Rolim, diretor técnico do Centro Militar de Educação Física do exército, e personagem constante na Cidade Light, discursa em uma conferência no refeitório-cafeteria para os operários em homenagem ao dia da Bandeira. Em seu discurso, os operários brasileiros seriam os mais inteligentes do mundo, já que esse perfil estava presente no espírito nacional desde os tempos coloniais, como por exemplo na figura do indígena. Este, mesmo “ordinariamente analfabeto” consegue conduzir uma pequena embarcação no meio do Amazonas, a frente de “qualquer timoneiro do norte”, já que tem capacidade de “discernir e compreender a linguagem do rio, da selva e da fauna aquática”. Os “mestiços analfabetos” dos engenhos de açúcar também são dignos de exemplo; conseguiam organizar e controlar as instalações das máquinas melhor que os estrangeiros. Para Ignácio Rolim, a inteligência estaria no espírito das classes laboriosas brasileiras, era da natureza do povo trabalhador brasileiro e precisava ser enaltecida.

A força estratégica do conceito de pátria na diminuição das diferenças é fundamental, como aponta Eliana Dutra. Segundo a autora, o patriotismo e o nacionalismo despertariam sentimentos poderosos já que contribuiriam para o desaparecimento das diferenças entre o público e o privado; a insegurança devido à

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ausência do privado colocaria o espaço público da nação como única possibilidade de proteção e segurança imaginárias (DUTRA, 2012, p.140). Essa insegurança, segundo Maria Rolim Capelato, explicaria a potencialização dos sentimentos e a identificação da pátria como uma consciência de valores coletivos com uma forte carga emotiva (CAPELATO, 2009, p. 263). Além da aproximação de elementos patrióticos, que analisaremos durante a pesquisa, Ignácio Rolim também afirmava as semelhanças de um soldado com um operário, afinal, são parte de um mesmo organismo na construção da pátria. Nesse sentido, a missão nacionalista tinha um papel apelativo fundamental, já que ela empreenderia o espírito de colaboração entre os operários:

O organismo humano é a máquina mais perfeita e que o seu funcionamento é a resultante da colaboração solidária de todos seus órgãos, sendo suficiente um deles estar em más condições para que o reflexo se dê por todo o organismo. Na busca desta colaboração solidária de todas as partes do nosso organismo, obtemos também o relevo da plástica, agilidade do corpo, a fidalguia da expressão, a regularidade de gestos, a firmeza das atitudes e o espírito de cooperação (Revista Light, 12/1935, p.12-13).

O discurso do capitão Ignácio Rolim contém princípios fundamentais do corporativismo: a aproximação de grupos sociais – soldados e operários – e das classes sociais desiguais; a representação de um corpo orgânico que traduz a unidade como um discurso anti-individualista e o princípio da cooperação de um corpo militarizado e disciplinado (PINTO, 2016, p.33). Esse corpo orgânico, que precisa se manter unido e amparado pela colaboração solidária dos trabalhadores, é um resquício de um determinado pensamento sociológico científico do final do XIX, embora com intensas críticas dentro da Sociologia do período. Como aponta Daniela S. Barbieris, existia um esforço profundo em compreender a sociedade com leis semelhantes ou iguais às da natureza; a analogia funcionaria como uma ferramenta para encarar a sociedade dentro de um conjunto de leis naturais, que seguiriam o processo de evolução comum a todos os seres vivos. Nesse sentido, os indivíduos pouco poderiam fazer a não ser compreender essas leis orgânicas como inalteráveis e se adaptarem (BARBERIS, 2004, p.133).

Tanto no discurso do capitão Rolim aos operários, quanto em outros artigos presentes no periódico, a valorização do trabalho e da cooperação passavam como componentes da ordem e do dever inato do trabalhador. Características militares como obediência, disciplina e a hierarquia tecem os discursos dos mais variados personagens

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

escolhidos para as páginas da Revista Light. Além dessas virtudes, a honra e o dever, atributos que o exército reforça aos próprios militares, são também aos trabalhadores, um modelo a ser seguido (DUTRA, 2012, p.215-216).

Nesse sentido, a atuação da Escola de Instrução Militar tinha também como missão o fortalecimento da disciplina na harmonia dos trabalhadores. O exército, como também os diretores da Light, por intermédio da educação física, compreendiam que o aspecto físico, o corpo saudável e controlado, era indissociável da moralidade na formação do caráter do indivíduo, e por isso funcional para a harmonia também no espaço do trabalho.

A Revista Light era também uma grande incentivadora das práticas esportivas, promovia campeonatos internos, sempre com a presença do presidente da empresa e dos chefes dos departamentos, além de evidenciar em suas páginas os atletas que se destacavam. As práticas variavam desde esportes coletivos como o futebol, o basquete, o vôlei, como atividades individuais como o atletismo, a esgrima, o boxe, tudo aquilo que envolvia a ginástica olímpica e, posteriormente, também, a luta livre, o jiu-jitsu e a natação. Desde sua criação, no seu primeiro editorial, a Revista Light já anunciava que o esporte “será um dos grandes elementos dessa revista”, entre outras tantas propostas. Ela se apresentava como um canal comunicativo para promover o “desenvolvimento do esporte entre os nossos companheiros e as nossas gentis colegas, o que será um serviço valioso a prestar-lhes” (Revista Light, 01/1928, p.14).

Segundo o superintendente do Departamento de Linhas e Edifícios, Mr. Peterson, a Revista Light era essencial, pois além de promover um melhor conhecimento dos empregados, estava engajada no desenvolvimento físico dos trabalhadores. Através do estímulo e da propaganda das práticas esportivas, a revista contribuiria “muito para a melhoria da raça, a ser um dos melhores meios de se obter um bom convívio social” (Revista Light, 01/1929, p.13). Em outro momento, em um pequeno texto, onde a Revista Light propositalmente destacou um trecho em letras maiúsculas “UM HOMEM QUE NÃO SE INTERESSA PELO ESPORTE NÃO VALE NADA PRA MIM!”, Peterson afirmava que o esporte não apenas fortifica o corpo e afasta as tristezas da vida, mas fazia com que o trabalhador voltasse mais disposto e vigoroso ao trabalho. Os trabalhadores

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

que praticavam esportes “aprendem a apreciar a energia física e querem conservar e aumentar a que possuem. Dormem cedo e escapam assim às tentações que enfraquecem e destroem o homem” (Revista Light, 12/1929, p.26).

Era muito presente no pensamento dos diretores da Light e os autores escolhidos pelo periódico, já no final de 1920, a perspectiva que a prática esportiva era a ocupação ideal do operário fora da fábrica, pois influenciava diretamente a saúde mental, o comportamento, as virtudes e a formação do caráter do indivíduo. Para o superintendente geral da Light, James Mckim Bell, a prática esportiva deveria ser “a bandeira de todos” os operários da empresa; pois são nos jogos que “se aprende a lealdade, o cavalheirismo, o respeito aos adversários de momento, mas companheiros de sempre e o esforço inteligente e disciplinado”. Para Bell, o operário que tem um corpo forte, necessariamente teria um espírito nobre. (Revista Light, 12/1929, p.27).

Na Light, nesse período, os discursos relativos aos esportes, também passam a ter esse alinhamento com a formação do caráter cívico. Alvaro Guanabara com o artigo “Os homens de esporte da Light estão realizando uma obra nacional”, de 1933, compreende que a Light com sua iniciativa particular fazia um processo de cooperação com o Estado brasileiro; juntos estavam realizando uma “verdadeira obra nacional”. Os trabalhadores que praticam esportes, inclusive os jovens, seriam parte de um grande exército para contribuir com a nação:

Somos na Companhia quase 20.000 homens a que se juntam as nossas mães e esposas, e assim formamos um exército que vai agir para ajudar a formação do Brasil de amanhã. São 30 mil ou 40 mil brasileiros dispostos a dar o exemplo do esforço em favor da infância e da mocidade, e que, com a cooperação do Estado, da Companhia e de quantas organizações puderem ajudar, iniciam uma obra que ainda ninguém fez, e que uma vez vencedora, será imitada no país inteiro (Revista Light, 04/1933, p.10).

Para Guanabara, os homens dos esportes da Light seriam meios importantes para a construção do fortalecimento da unidade da pátria: cidadãos esclarecidos sobre seu papel de sacrifício e de apoio ao governo (Revista Light, 04/1933, p.10).

Após o encerramento das atividades da ABEL, alguns departamentos criaram suas próprias associações esportivas e times para além dos muros da empresa, como o Light Tráfego F.C. (1931), Sport Clube Garage Excelsior, Light Villa Izabel F.C. (1932), Light

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Rua Larda Sport Clube (1933). Em 1933, as práticas esportivas na Light ganham muita fama no mundo dos esportes, com a fundação da Liga de Esportes Atlético da *Light* e Companhias Associadas (LEALCA), unificando todos os esportes e praticantes, inclusive de São Paulo, em uma grande Federação. Houve uma intensificação dos torneios e jogos, o que para a Revista *Light* era compreendido como uma “harmonia perfeitamente esportiva” que mesmo em momentos de disputa competitiva, eram inabaláveis. Segundo o periódico, essa harmonia é um estímulo do esporte “entre os nossos companheiros, uma oportunidade a mais para que exibam os louváveis sentimentos de ordem e disciplina, como prolongamento da ação predominante nas horas do trabalho.” (Revista *Light*, 09/1933, p.46.). A preocupação dos diretores com os clubes desenvolvidos pelos trabalhadores, claramente tinha um objetivo de preservar e incentivar a ordem; idealizar uma imagem de eficiência e sucesso, já que na medida que os clubes eram conhecidos e retratados pelos jornais, também seriam “uma espécie de cartão de visitas da empresa” (ANTUNES, 1994, p. 106.).

O esporte era, junto com a educação física e profissional, uma das ferramentas importantes na idealização do corpo saudável, do trabalhador ordeiro e harmônico. Se o incentivo à sua prática estava voltado especialmente para os operários adultos, era no escotismo que as sementes da harmonia social entre os jovens e futuros operários seriam mais profundamente enraizadas.

Considerações finais

As edições da Revista *Light* poderiam ser compreendidas apenas como um simples canal de comunicação entre a empresa e seus trabalhadores, ou um processo de domesticação direta do trabalhador; uma medida de controle e imposição. O Estado e a empresa *Light* foram os poderes atuantes que pareciam deter o domínio do discurso que apreenderiam o trabalhador na lógica do comportamento determinado almejado, formando assim, o protótipo do trabalhador ideal, vinculado essencialmente com a produção fabril. Entretanto, é importante ressaltar que o processo não foi linear e

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

simétrico; era necessário o esclarecimento e convencimento dos trabalhadores, os receptores, para que as intenções no discurso se concretizassem. A presença dos intelectuais na Revista, dos membros das mais variadas hierarquias da Igreja Católica, dos oficiais do Exército do CMEF, dos ministros e políticos alinhados aos pressupostos do Estado autoritário da década de 1930, além de um corpo editorial experiente e respaldado pela imprensa hegemônica do período, alinhado aos interesses da empresa, se mostraram fundamentais nesta relação de persuasão dos trabalhadores.

A edificação do pensamento nas publicações era feita com muito cuidado, entendendo que seu leitor é, sobretudo, o seu trabalhador; os desenhos, os recortes, as fotografias, as colunas são meticulosamente ordenadas, na tentativa de aparar as possíveis interpretações destoantes ou individuais; o desdobramento conforme a Revista expõe suas camadas, nos confirma as características de formulação, seus desígnios e propósitos.

O relato do vereador Jansen Muller que visita a Cidade Light em janeiro de 1936 junto com uma comissão de políticos cariocas, expressa a importância da valorização do trabalhador pela empresa:

Contava encontrar o que encontrei: Ordem, disciplina e interesse pelo operário brasileiro que tem, é verdade, prestado todo o concurso bom de seu trabalho, mas que, também, tem sido compreendido pelos seus dirigentes, que os consideram amigos e colaboradores (Revista Light, 01/1936, p.30).

Era fundamental compreender e acessar os trabalhadores para convencê-los de seus anseios harmônicos e dissuadi-los da luta de classes. A Light, por meio de sua revista, trabalhou num processo racional na construção do trabalhador ideal: arquitetou seu discurso com base na harmonia e na solidariedade, o corporativismo, na busca de anular as vontades individuais e, conseqüentemente, soterrar a identificação do trabalhador como antagônico a empresa; mas também na construção de um corpo sadio e disciplinado, que apenas poderia ser total se começasse em um processo pedagógico com os jovens operários, por isso, a forte presença em suas páginas dos centros de educação técnica, no incentivo às práticas esportivas, mas especialmente, na intensa publicidade dada as práticas do escotismo aos jovens e aos filhos dos operários.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Referências bibliográficas

ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. O futebol nas fábricas. **Revista USP**, (22), 1994, 102-109.

ARAUJO, Ângela Maria Carneiro. **A construção do consentimento: corporativismo e trabalhadores no Brasil dos anos 30**. 1994, Tese de doutorado. Departamento de Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP.

BARBERIS, Daniela S. O organismo como modelo para a sociedade: a emergência e a queda da sociologia organicista na França do fin-de-siècle. In: MARTINS, R. A.; MARTINS, L. A. C. P.; SILVA, C. C.; FERREIRA, J. M. H. (eds.). **Filosofia e história da ciência no Cone Sul: 3o Encontro**. Campinas: AFHIC, 2004.

CAPELATO, Maria Helena. **Multidões em cena, propaganda política no varguismo e no peronismo**. São Paulo, Editora Unesp, 2ª Edição, 2009.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. **O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos de 1930** / Eliana de Freitas Dutra. – 2. ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

ESPINA, Delia Beatriz. O papel das empresas multinacionais na industrialização periférica: um estudo da trajetória da IMB. Em SZMRECSÁNYI, Tamás J. M. K.; MARANHÃO, Ricardo F. A. (Orgs.) (1996) **História de Empresas e Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Hucitec/Fapesp/ABPHE.

GOMES, Angela de Castro. Autoritarismo e corporativismo no Brasil: o legado de Vargas. In: BASTOS, Pedro Paulo Zahluth; FONSECA, Pedro Cezar Dutra. **A Era Vargas: desenvolvimentismo, economia e sociedade**. São Paulo, Unesp, 2012.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**. Campinas, Papirus, 1986.

LOBO, Valéria M. Corporativismo à brasileira: entre o autoritarismo e a democracia. **Revista Estudos Ibero-Americanos** (Porto Alegre), v. 42, n. 2, p. 527-552, 2016.

PARADA, Maurício. Educando **Corpos e Criando a nação**: cerimônias cívicas e práticas disciplinares no Estado Novo. Rio de Janeiro, RJ: Apicuri, 2009.

PINTO, Antonio Costa. “Corporativismo, ditaduras e representação política autoritária”. In. PINTO, Antonio Costa e MARTINHO, Francisco Palomanes. **A onda corporativa: Corporativismo e ditaduras na Europa e na América Latina**. FGV Editora, 1ª Ed. 2016.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História
Rio de Janeiro/RJ, 2021